

PROJETO ALEGORIAS DO BRASIL

programa 11

SAUDADES DO FUTURO

Renato Lessa [Filósofo político]

A vida social espontaneamente ela produz as suas referências, certo, e, e eu acho que um, um componente disso, quer dizer, o fato da gente não ter referências de uma outra natureza que não, que não as referências alegóricas e que tem a ver com, com o lado lúdico da vida, com o lado da expressão, né. Quer dizer, a arte brasileira ela foi... Arte no sentido mais amplo da sua expressão cultura, cinema, música, né, as artes plásticas, elas tiveram papel fundamental na de... Na definição de... Dessas referências, né. Modernismo é uma coisa importantíssima para a gente como a gente vê na rua, quer dizer, saindo de casa você vê o modernismo, você assovia modernismo, né, a gente respira ainda... Isso... O modernismo foi uma tentativa de criar esse elo comum, né, o modernismo começa com uma tentativa de dizer o que que o Brasil é, que povo que nós somos e a partir daí as... Algumas estéticas saem dessa, dessa pretensão de um movimento que não era só estético era um movimento de descoberta nacional, de invenção no país.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Não é à toa que, que se faz a relação, muita gente faz entre Brasília e a bossa nova, não só por que o Juscelino era... O JK era o presidente bossa nova mas porque de fato havia toda uma combinação de setores sociais e culturais que eram... Que partilhavam esses mesmos ideais e que apontam para essa classe média carioca da Zona Sul que foi o grande sopro civilizatório que nós tivemos no Brasil. Aquela classe média produziu de fato uma imagem de um país muito belo e, e, e a miragem de um salto sobre o atraso. Todo mundo sabia que não ia dar tempo do Brasil cumprir todas as etapas de modernização que a Europa cumpriu, se fosse cumprir ia demorar muito, né, não dava tempo. Acontece que como o Brasil é vocacionado ao moderno, segundo

Mário Pedrosa e eu concordo em grande medida com isso, essa vocação deu uma facilidade e o Brasil conseguiu fazer esse salto. Então no campo cultural a gente vê esse salto, deu conseqüências belíssimas e a arquitetura moderna brasileira e a bossa nova são da... Dos exemplos mais fortes que nós temos dessa beleza.

Francisco Bosco [Ensaísta e crítico da cultura]

O Brasil precisa merecer a bossa nova, ou seja, tudo aquilo que a bossa nova foi capaz de realizar culturalmente aquele projeto, como diz o Lorenzo Mammi, de uma beleza sem esforço, né, essa espécie de gaia ciência capaz de conciliar alta sofisticação estética com uma espécie de amorismo que é um traço da formação brasileira que por sua vez remete aos nossos diminutivos, à nossa porosidade, à nossa menor marcação pelo regime produtivista. Então é como se a bossa nova tivesse sido capaz de pegar os signos defeituosos da nossa formação e transformá-los em alguma coisa que por sua vez deveria servir de inspiração para uma transformação da própria sociedade.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Problema que se percebeu nos anos 60 foi que ao dar esse salto continua exi... Continuou existindo um, um Brasil real, subdesenvolvido que não tinha contato com aquela cultura moderna sofisticadíssima que foi produzida e etc., e essa falta de contato é exatamente o que teve que ser denunciado nos anos 60.

Fred Coelho [Historiador]

Não há nenhum ti... Nenhuma, nenhuma possibilidade de você discutir o moderno no Brasil sem passar por Brasília e não há nenhuma possibilidade de você discutir o arcaico no país sem passar por Brasília.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

O Lúcio Costa é, é ao mesmo tempo o introdutor da arquitetura moderna no Brasil e o fundador do Patrimônio Histórico, mas o Lúcio Costa estudava as cidades coloniais, ele amava, né, e... Ele sentiu a necessidade de ser moderno, ele viu que tinha que ser moderno naquele momento, mas o que ele gostava mesmo era da colônia. Todas as vanguardas modernas elas são contra a história elas fazem tabula rasa do passado porque a vanguarda ela tem que inaugurar o novo. Como é que pode no Brasil o

arquiteto moderno é ao mesmo tempo fundador do Patrimônio Histórico! Isso é mais uma das aberrações brasileiras, mas ela fala muito sobre essa nossa constituição.

Fred Coelho [Historiador]

Brasília foi um ato de, de afirmação do Brasil em relação às possibilidades dele ser uma nação propositiva ao mundo e não apenas reativa, né, não apenas incorporando elementos ou para usar lá a expressão do Lévi-Strauss também famosa que o Brasil não era um país atrasado mas sim fora de moda porque ficava imitando a arquitetura atrasada da Europa, aliás esse foi o dilema pré-moderno, pré-modernista brasileiro ou até mesmo modernista se a gente quiser escarafunchar isso que é você ficar sempre na iminência de ter que dar conta de uma atualização frente à Europa. Então Brasília de certa forma ela rompe com isso não há nada parecido no mundo.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Eu acho que Brasília é quase que o museu de uma modernidade que poderia ter sido e que só foi ali, e desse ponto de vista Brasília é pa... Protegida pelo Patrimônio História e ainda bem e é só por isso que hoje em dia não tem guaritas e muros e cercas elétricas em Brasília, né. Agora, isso garantiu que hoje em dia Brasília seja uma espécie de miragem de um... De uma convivência cordial do ponto de vista positivo que foi imaginada e que só aconteceu lá.

Lorenzo Mammi [Crítico de arte]

O projeto de Brasília tinha esse princípio porque o térreo era público, que é uma ideia completamente revolucionária, quer dizer, você não pode cercar, não pode fazer... Não pode impedir a passagem das pessoas e tudo. Então essa ideia dessa liberdade de vir, dessa circulação, dessa mistura, né, de, de elementos paisagísticos e, e arquitetônicos criou, digamos, um, um horizonte, um... Uma utopia que não é apenas arquitetônica mas social, né, que é, que é de fato uma referência.

Luiz Camillo Osório [Filósofo]

Pensar os pilotis e a grade, né, como que o pilotis pensou um projeto de troca entre o público e o privado, né, de passagem, e isso foi substituído pela grade! Hoje em dia não tem nenhuma cidade no mundo tão engradada como é... São esses... As, as cidades brasileiras, né. Então aquilo que seria, né, um elemento importante que vem do

Le Corbusier e que se adapta maravilhosamente bem aqui que são a construção de pilotis e que você atravessa e que você garante ventilação na cidade, circulação, espaço de troca, né, isso é bloqueado pelos prédios e pelas grades, então é, é gerar a exclusão, para gerar o condomínio, para gerar o espaço privado.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Quando Juscelino decide construir Brasília ele está apostando, na verdade, num, num projeto bem mais antigo, né, já se falava nisso há muito tempo desde o sonho de D. Bosco, né, desde da... Do aspecto visionário religioso até os projetos mais técnicos de interiorização do país que são fundamentais. Então no... Na decisão do Juscelino tem um componente populista político, tem um componente ligado à expansão da indústria automobilística e às estradas mas tem um raciocínio infraestrutural de deslocamento de eixos de desenvolvimento. Desse ponto de vista é a herança de uma inteligência brasileira de uma engenharia que vem desde o Século XIX e que promoveu essa descentralização do poder. Mas no tempo por um lado isso e por outro um isolamento do poder porque você leva a capital com isso você leva toda uma casta do Estado para um lugar isolado, portanto uma, uma casamata como, como disse o Mário pedrosa, um pouco impermeável aos movimentos do Brasil orgânico.

Fred Coelho [Historiador]

Que Brasília ela é ao mesmo tempo a possibilidade de um marco projetivo sobre o que o Brasil era capaz em relação ao mundo, sem dúvida nenhuma. É incontornável isso, a história brasileira se divide sim no Século XX entre antes e depois de Brasília nesse sentido também e, simultaneamente, ela é fruto de uma série de situações da primeira metade do Século XX na política brasileira onde as convulsões sociais eram frequentes, né. Realmente, se você pega o Rio de Janeiro desde o início da República, se a gente pega pru... Tentaram assassinar Prudente de Moraes já, né, que é o primeiro presidente civil, já tentaram assassinar, já fizeram um atentado contra ele, né, Artur Bernardes governou em estado de sítio, Getúlio Vargas a gente sabe toda história relativa a isso. Brasília é uma ilha totalmente afastada do cotidiano da vida do brasileiro e é óbvio que tudo que acontece do ponto de vista espúrio da política brasileira em Brasília tem sim relação com uma construção voltada para a proteção ou para a hiperespecialização de uma classe ou de uma casta que é a classe política federal brasileira.

Bia Lessa [Diretora de Teatro]

Ao mesmo tempo que é genial enquanto construção humana ir para um lugar que não tem nada, botar uma estrada, fazer um x e falar: “Aqui faremos”, eu acho isso deslumbrante, é o poder que, que... Isso é lindo que seja assim, né! Mas ao mesmo tempo pegar a repú... Botar todo o centro do poder num lugar onde não há diálogo com o entorno é realmente uma loucura!

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

Eu me pergunto se aquela coisa de, de Brasília não fomenta aquela cidade tão apartada, sabe, uma cidade tão artificial ali naquele planalto, aquilo je... Veio da ditadura militar eles ficaram isola... Enfim, aquilo é muito complicado, aquilo fomenta uma coisa assim, você não tem chequeio de base nenhuma, né, porque você fica... Ninguém responde a nada ali você fica só naquele conluio, um laboratório de répteis, né.

Muniz Sodré [Sociólogo]

E Brasília em si mesma é uma abstração, eu sempre defini assim um pouco jogo de palavras, uma abstração geográfica, quer dizer, uma cidade montada em papel com decisões sobre o destino de todo mundo e nenhuma ligação visceral concreta com o resto do país porque os partidos se estiolaram, não representam mais ninguém a não ser os interesses burocráticos dos próprios membros do partido.

Lorenzo Mammi [Crítico de arte]

Brasília é o, é o lugar onde a arquitetura moderna do Le Corbousier vira simbólica não é mais funcional, digamos que o funcionalismo vira simbólico, porque é um pouco um símbolo de cidade em que cada prédio está lá representando uma certa função mais que de fato cumprindo, né. O simbolismo faz com que ele se torne quase uma ruína moderna, quer dizer, uma imagem, uma imagem de algo que, que fazia sentido naquela época, né, mas que agora nós vemos como... Nós vemos o filme de ficção científica antigos que são ao mesmo tempo uma representação do futuro mas um futuro que já, que já envelheceu, né.

Guilherme Wisnik [Arquiteto e escritor]

Brasília é um pouco a, a ruína daquilo que não foi, né, e que nos dá saudades do futuro, uma espécie de, de contradição. Por que como é que você pode ter saudades de uma coisa que, que ainda vai ser, né? É porque de fato Brasília prometeu um, um futuro muito belo e que, que no entanto parece que a gente não conseguiu ainda chegar naquilo que foi apontado.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

Eu acho que a gente ainda vive muito sobre o impacto dessa riqueza desse momento modernista, né, nós somos herdeiros disso porque a gente se identifica de uma certa maneira com isso, né, teve muitas refundações no Brasil, certamente uma refundação do Brasil foi esse momento modernista na literatura, na música, na arquitetura e um projeto de país que é gestado, um projeto de país. Eu acho que agora não tem projeto de país nenhum mas eu também não vejo um lugar que tenha projeto de país! Assim, os lugares que eu vejo que têm projeto de país parece um nacionalismo caduco, xenofóbico horroroso, assim pre-1ª Guerra Mundial!

Eduardo Jardim [Filósofo]

O nosso Século XX modernista, que é modernista no sentido amplo porque ali havia um retrato do Brasil sendo feito e um projeto de Brasil sendo construído. Não só a ditadura, eu acho que a... Houve mudanças do final do século XX para hoje no mundo todo, né, que quebraram muito essa perspectiva de futuro, né, quebraram a, a ideia de projeto. Não é só no Brasil, acho que é geral, e a impressão que eu tenho é que a gente não aproveitou essa experiência de falência da perspectiva do futuro para investir em alguma outra coisa.

M. D. Magno [Psicanalista]

É bacana você ser o país do futuro. Entender essa frase como se a gente fosse chegar num lugar: “Não, nós somos o país do futuro”, a gente acredita que vai acontecer em algum momento, e, e quando se chega no momento novo você continuar: “É, espera porque é do futuro”, entendeu? Isso é ótimo, estar sempre correndo atrás de um futuro que é mítico. O Brasil vai despertar para virar o que, Europa, me... Estados Unidos? Tem nada para despertar não tem é que andar para frente com seu jeitinho, do seu jeitinho.

Fred Coelho [Historiador]

A gente tem novos desafios do Século XXI e o Brasil é um país muito peculiar em relação isso, é um bra... É um país que abraçou a ideia de futuro que também dá para discutir isso, mas abraçou a ideia de futuro com todas as forças que alguns outros países nunca se dedicaram a isso ao contrário, e acho que isso tem uma explicação por conta de que a nossa tradição é muito recente, uma tradição de Império que foi apagada por uma tradição de República, que foi apagada por uma tradição de uma outra República, que foi apaga... Né. Cada regime brasileiro tentou de tentar apagar a memória do regime anterior e isso é fisicamente na cidade, nos prédios, nos símbolos nacionais. Então a, a perspectiva de futuro é sempre em aberto.

Maurício Lissovsky [Historiador]

Talvez exista de fato uma espécie de síndrome do atraso no Brasil, né, que fez parte do discurso econômico, do discurso sociológico, do discurso político, né, das promessas de futuro mais poderosas que a gente teve, como a... 50 anos em 5, com, né, com Juscelino ou, ou as promessas do milagre no tempo da Ditadura, quer dizer, essa ideia de uma aceleração, né, de que agora o Brasil vai acelerar.

Renato Lessa [Filósofo político]

Entre 46 e 64 nós estávamos no ajeitando, nós estávamos nos ajeitando, quer dizer, essa vida debaixo ela estava... E, e a vida de cima estavam começando a conversar. Você olhava para o PTB você via a massa trabalhadora votando no PTB, você olhava para o PSD você via, quer dizer, o partido que o apelo para a classe média, o partido de centro, conservador, né, e a direita liberal a UDN, quer dizer, o parti... Você olhava para o sistema partidário brasileiro entre 46 e 64 você via caras, né, pessoa... Quem lia a Última Hora não lia O Globo, né, você tinha essa cultura de, de identificação cívica e política, né. Nós estávamos nos ajeitando. O, acho que o big bang da, da fragmentação foi 64.

Eduardo Jardim [Filósofo]

Problema que a ditadura esfacelou esses, esses... Essas experiências e mas mais que isso esfacelou esperanças e projetos porque não... Nada de muito relevante se

apresentou depois, não houve mais um desafio tão interessante como os que havia antes, me parece.

Luiz Camillo Osório [Filósofo]

A ideia projetiva utópica ela de um modo geral está falida para todo lado, né, e no Brasil isso fica mais evidente porque a gente contava com isso, né, e, e agora não tem nem mais como contar com o futuro. Então tem que lidar com as mazelas, né, do presente, no... Nossa... O enfrentamento do trágico é hoje lidar com a impossibilidade de deixar para, para o futuro.

Maurício Lissovsky [Historiador]

É engraçado essa ideia de que, de que os brasileiros não... Improvisam mas não planejam, quer dizer, estão sempre... São imediatistas, né. Isso é mais engraçado com essa, com essa ideia que vigorou durante tanto tempo de um Brasil país do futuro, porque no fundo o, o futuro é resultado de um, né... Você imaginar um futuro é de algum modo planejar e se, se somos um país que não planeja devíamos ser um país sem futuro, né, um país inteiramente... Eu acho que as pesso... Eu acho que isso é parte desse, desse enredo, né.

Beatriz Jaguaribe [Escritora e ensaísta]

Eu acho que agora é muito difícil a gente ver uma, uma... Um, um processo, um dever nacional porque eu acho que está em crise o nacional e está em crise a ideia de projeto, então fica complicado e depois a gente está num redemoinho que nem o, o Guimarães Rosa falou: “No meio do redemoinho é muito difícil você enxergar e ver onde as coisas estão”, então é difícil a gente conseguir colocar o presente, mas o que dá sensação é que esse retrato de Brasil se fragmentou em muitos pedaços, em muitos pedaços dispares e você tem um sistema capitalista único, você tem uma série de coisas que atravessam esse sistema, mas essa coerên... Talvez não tivesse nem tanta coerência antes mas a gente enxergando de longe conseguia localizar. Eu acho que agora não, e acho que agora a gente não tem imaginação de futuro quase nenhum está pobre disso não só aqui, no mundo, né.

Vladimir Safatle [Filósofo]

Todas as, as, as questões brasileiras são discutidas como se a... O sistema de causa dessas questões fosse iminentemente interno a nós mesmos, né. A gente tem uma dificuldade enorme de entender como nós reagimos a situações globais, talvez o fato de ser um país grande, também da gente ter uma tradição insular muito forte mesmo em toda a América Latina, acho que isso deixou uma marca muito pesada na nossa maneira de pensar nós mesmos.

Fred Coelho [Historiador]

A gente não está mais discutindo do ponto de vista do Século XX como era discutido o Brasil, porque se perdeu um pouco a crença de que o Brasil é algo ainda palpável com uma população como a nossa. Antes a gente pensava como fazer parte do mundo, tem aquela piada, não é bem uma piada, mas uma... Que o grande lema da me... Do Brasil em boa parte do Século XX era se você ia ser o primeiro do terceiro mundo o último do primeiro mundo! E acho que esse dilema um pouco que acabou ao longo dos anos 80 e 90, primeiro para a gente perceber que primeiro mundo nunca e segundo por perceber que... Ou por começar a se valorizar uma certa... Por começar a se valorizar um lugar específico do Brasil numa nova perspectiva de modernidade, numa outra modernidade, numa altermodernidade, a gente pode usar o termo que quiser.

Danilo Marcondes [Filósofo]

Nós estamos vivendo uma crise de identidade, mais uma, e o que que vai acontecer, nós queremos mudar essa sociedade não é possível que a gente viva sempre nesse projeto eternamente fracassado que é o país do futuro, que é só futuro. Mas nós não podemos com... Entender um hoje sem minimamente refletir sobre todo um processo que levou ao... Aonde a gente está hoje e que se nós não fizermos isso nós não vamos ter condições mínimas de tentar de fato mudar coisa nenhuma, né, se nós não pensarmos ou repensarmos que projeto foi esse e qual é o projeto que nós queremos não no sentido de país do futuro de um futuro que não chega nunca, mas da necessidade de pensar um projeto, né, não um projeto único, não um projeto autoritário, não um projeto definitivo, mas ter algum tipo de projeto, sair um pouco do imediatismo em que a gente está sempre mergulhado e que gera essa espécie de frustração permanente, né.

Nuno Ramos [Artista Plástico]

Eu andei viajando pelo, pelo país aí por outras coisas e fiquei muito chocado com isso, fui a Natal, fui a Fortaleza, Manaus, quer dizer, aquilo é uma espécie de eterno presente, né, que não vende nada nem vai para nada, aquilo parece que só tem o agora, tudo parece que está sendo... Está declinando, né, alguma área que se preserve está sendo invadida. Às vezes é coisas assim de, de... Um ba... Uma rua toda de casas tem um... Uma torre de 40 andares. Você não sabe o que fazer com aquilo, a cidade não sabe o que fazer com aquilo, o prédio não sabe o que fazer com aquilo, o vizinho não sabe se ele... Se o vizinho abre uma padaria ou ele vende o terreno para um prédio menor. Quer dizer, é um... É uma coisa muito, muito violenta essa agoridade nossa, né. Então eu acho que as cidades expressam muito urbanamente essa agoridade meio fóbica que não consegue criar um, um futuro, não consegue articular um passado para conseguir, né... Não consegue isolar um pedaço mesmo que tolere coisas piores em ou... É, é um, é um...

Daiara Tukano [Direitos Humanos]

Quem somos nós, de onde viemos e para onde vamos, né. Nós imaginamos de onde viemos nós tentamos imaginar para onde vamos, né, mas essa consciência nós sabemos que quem constrói o nosso futuro somos nós. Então se eu em algum momento digo que eu não sei até que ponto, né, esses mapas do passado, esses textos do passado me definem, né, ou precisam me definir, eu preciso aceitar, me submeter à definição dos outros é porque todos nós temos dentro de nós essa, essa faísca, né, de querer nos transformar e nos definir a partir daquele momento que nós estamos agora, né. Então, se hoje nós estamos num mundo globalizado porque afinal de contas era um globo sim, era um globo terrestre e cada vez mais conectados e cada vez essas fronteiras se tornam difusas ou se diluem e se transformam, né, e nós estamos procurando criar outros paradigmas, outros limites, outros ícones, outras referências para permitir-nos encaixar a nossa temporalidade no nosso tempo.